



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS.**

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1922 | Número: 32

---

### **Como citar este documento:**

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. *Revista de Guimarães*, 32 (4) Out.-Dez. 1922, p. 399-408.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO  
DE  
S. SIMÃO DE NOVAIS

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

---

S. Simão de Novais é uma freguesia minúscula do concelho de Vila Nova de Famalicão, situada na encosta sul do gracioso Monte de S. Miguel o Anjo, em cujo cimo ainda se encontram vestígios duma povoação luso-romana conhecida dos arqueólogos.

Fica S. Simão no meio de um triângulo escaleno, cujos vértices correspondem a Santo Tirso, Famalicão e Guimarães; a meia légua para o Sul passa o Caminho de Ferro de Guimarães e o Rio Ave, em cujas margens se levantam hoje numerosas fábricas de tecidos de algodão. A uma légua de distância, em direcção Noroeste, fica S. Miguel de Seide, onde viveu Camilo, que ali aprimorou a língua portuguesa, em contacto com este rude povo do Minho.

A gente de S. Simão divide-se em duas categorias: uns, conservando a multi-secular tradição, empregam-se em lides agrícolas; os outros, em número cada vez maior, trabalham nas fábricas de tecidos. São aqueles os que cantam, alegrando com a sua toada musical a pesada faina dos campos. Quem anda na fábrica, por via de regra não tem a alegria sã dos rústicos: em perto de quinhentas cantigas, nem uma só encontro em que o tema seja o trabalho fabril.

Chamei a esta colecção *Cancioneiro de S. Simão*

*de Novais*, não porque as cantigas tenham sido nadas e criadas nesta aldeia. Foi porque as ouvi *tôdas* em S. Simão, nas férias grandes de 1922.

Sob êste ponto de vista, o concelho de Famalicão ainda não foi explorado pelos etnógrafos, que, pelo contrário, fizeram amplas colectâneas nos concelhos de Santo Tirso (A. C. Pires de Lima) e de Barcelos (Gomes Pereira). E' com êsses cancioneiros, que a *Revista Lusitana* arquivou, que devem ser confrontadas as minhas cantigas. Com as de Santo Tirso, por causa da proximidade dêsse concelho, e com as de Barcelos porque a falta de braços com que a lavoura vai lutando por aqui, tem sido em parte suprida com a viinda de moços provenientes daquelas bandas.

Surpreendeu-me a rica memória desta gente: encontrei pessoas, totalmente analfabetas, que retêm de cor mais de cem cantigas, recitando-as seguidamente, sem repetirem uma só.

O carácter, os sentimentos, as preocupações, a psicologia, enfim, do povo do Minho retrata-se fielmente nestes airosos versos, por vezes tam perfeitos na forma e tam elevados na ideia, como alguns dos nossos melhores líricos.

Vejamos como a alma da nossa grei se representa nestas humildes canções.

A preocupação máxima do nosso povo, a que lhe inspira mais numerosos e mais lindos versos, é o Amor. Mais de metade das minhas cantigas versam assuntos amorosos. E é forçoso confessar que muitas delas são revestidas de grande beleza. Citarei, quási ao acaso, as de n.<sup>os</sup> 51, 72, 153, 376.

Nem sempre as trovas populares cantam o amor puro, que leva ao Arco da Igreja. A's vezes trata-se de aventuras galantes, inconfessáveis, em que o verso traduz malícia, mais ou menos velada (129, 197, 216, 217, 309, 408).

Outras, de uma encantadora ingenuidade, ocupam-se da vida simples da aldeia (66, 101, 158, 255, 256).

A alegria de viver encontra-se em várias trovas (82, 182, 286) e muitas outras denotam mais exuberante prazer, a ironia, a caricatura, a facécia, o paradoxo (32, 33, 104, 143, 145, 190, 191, 192, 224, 262, 263, 307, 308, 319, 381, 401, 463).

Menos numerosas são as quadras que denotam sentimentos tristes, melancólicos. Veja-se o desalento que se desprende da quadra 124. Encontram-se cantigas, algumas muito belas, em que o pessimismo, a saudade, o azar, o sentimento fatalista do nosso povo francamente se manifesta (1, 88, 92, 172, 176, 181, 189, 208, 297, 312, etc.).

O minhoto tem um horror instintivo pela vida militar; mas apresenta-se sempre a cumprir o seu dever, batendo-se na guerra, resignado e valente. Vejam-se as quadras seguintes relativas ao serviço militar: 18, 139, 140, 232, 247, 252, 304.

As cantigas 6, 7, 19, 38, 90, 121, 123, 126, 398 prescrevem regras de conduta e de boa educação, ou revelam sentimentos de dignidade, e de franqueza; e as de n.ºs 68, 147, 151, 175, 178 e 372 denotam preocupações religiosas.

A cada passo se anotam sentenças filosóficas, como na de n.º 3.

Muitas destas cantigas podem ser ouvidas na província inteira e fazem parte de várias colecções; com algumas variantes, cantam-se por todo o país e até na Galiza. Algumas devem ser bem antigas, como a de n.º 86, que fala em degrêdo para a Índia.

Vão aqui registadas também adivinhas populares, que tem a mesma forma das cantigas (99, 100, 107, 162).

Como é natural, são bastantes as trovas bucólicas referentes aos misteres agrícolas (5, 66, 100, etc.).

Quanto à técnica seguida pelos inominados vates, observar-se há que tôdas as cantigas são redondilhas maiores, à excepção de uma, que é redondilha menor (206). Predominam as quadras em rima consoante, mas também as há em rima toante, algumas delas bem formosas, como as de n.ºs 141 e 255. Tôdas as quadras populares que reüni são em rima cruzada, havendo na colecção algumas, raras, cantigas quadradas (4, 11).

Reparei que, em muitos dos versos, é uma pessoa do sexo feminino quem fala. Na formação dêste vago poema lírico, em que tantos humildes artistas colaboraram, tomaria porventura uma larga parte a mulher portuguesa?

1

A fortuna da pessoa  
com ela deve nascer.  
Eu procuro, não na acho;  
Minha Mãe, qu'hei-de fazer?

3

Se a Morte fôsse int'resseira  
ai! do pobre que seria?  
O rico pagava à Morte,  
só o pobre é que morria.

5

Vou-me embora, levo pressa,  
levo água de regar.  
P'ra domingo falaremos,  
qu'ê dia de mais vagar.

7

Quem quiser que a água regue,  
dê-lhe talho na levada;  
quem quiser vencer a sua,  
cale-se, não diga nada!

9

O pobre pediu ao rico  
um bocadinho de pão.  
O rico lhe respondeu:  
Vai-te embora, mandrião!

11

Minha maçã vermelhinha  
picada do rouxinol:  
se não eras picadinha,  
eras linda como o sol.

13

Tu dizes que me queres bem,  
di-lo e ficas-te a rir.  
Vais p'ra outra e di-lo mesmo:  
levas a vida a mentir.

15

Bota carta no correio  
e manda papel do norte.  
Fá-la conta quanto é,  
eu pagarei o importe.

17

Relógio de S. Simão  
'stá parado, não dá horas.  
Se quiser dizer, bem sei  
o santo que tu adoras.

2

Leucinho das quatro pontas,  
anda jurar a verdade:  
anda dizer o que viste  
no outro domingo à tarde.

4

A cantar e a bailar  
ganhei uma saia nova.  
Linda 'spero de ganhar  
mais a fita para a roda.

6

Quem quiser que a água regue,  
faça-lh'o rêgo bem feito;  
quem queira ser bem tratado,  
trate-me a mim com respeito.

8

Onze horas, meio dia,  
quem não comer, enfraquece;  
nas eras em que nós 'stamos  
quem mais faz, menos merece.

10

Papagaio das três pênas,  
dá-me uma pêna da asa;  
quero escrever ao amor,  
a pêna ficou-me em casa.

12

Venho da terra do vidro  
e mais não venho vidrado.  
Venho da terra das moças  
e mais não venho casado.

14

Hei-de t'amar té à morte,  
e da morte até morrer.  
Depois de a morte passada  
Deus dirá o que há-de ser.

16

Ia eu por Braga abaixo,  
dei um beijo nuna rosa.  
Nunca vi terra tam sêca  
dar uma flor tam mimosa.

18

Quando eu assentei praça,  
meu destino foi chorar.  
Tirei a roupa à paisana  
vesti a de militar.

19

Tu disseste mal de mim  
a quem mo logo contou.  
Eu sempre gostei e gosto  
de quem me enganou.

21

Sou soldado, sirvo o Rei,  
também sirvo a Rainha;  
também faço sentinela  
à tua porta, Rôsinha...

23

Aquela mulher casada  
que lhe importa a minha vida?  
Tanto ou mais faria ela,  
quando era rapariga.

25

Se tu fores a Negreiros,  
leva as contas de rezar,  
que lá é o purgatório  
onde as almas vão penar.

27

O amar-te foi um sonho;  
olha, amor, o que eu perdi:  
agora vejo-me só,  
meu amor, sem Deus, sem ti.

29

Aquela menina é minha  
e aqueles olhos são meus;  
aquele corpo bem feito  
era o que eu pedia a Deus.

31

Hei-de te amar, que é meu gosto,  
querer-te, que é meu empenho:  
amar-te como a mim mesmo  
é a obrigação que eu tenho.

33

O cuco vai degredado,  
degredado por seis *mês*:  
vai seguir o seu degrêdo,  
mas torna a vir outra vez.

35

Da outra banda do rio  
nem chove, nem cai orvalho.  
Amor, se tem de ser meu,  
não me dê tanto trabalho...

20

Já te amei, já te não amo,  
já te perdi a afeição;  
já te botei para um canto,  
fora do meu coração.

22

O limão tira o fastio,  
a laranja o bem-querer.  
Tira de mim o sentido:  
tenho medo de morrer.

24

Adeus, casa de meu pai,  
a mais cobêrto da eira:  
eu agora vou morar  
p'ra S. Simão da Junqueira.

26

O meu amor é do Pôrto  
e é meio cidadão:  
anda afeito ao molete  
já não quer comer o pão.

28

Se o mar tivera varandas,  
ia-te ver a Lisboa;  
mas o mar não tem varandas:  
quem não tem asas, não voa...

30

Os olhos da minha amada  
são duas azeitoninhas:  
fechados, são dois botões,  
abertos, duas rôsinhas.

32

O cuco picou no melro,  
tirou-lhe as pênas do rabo:  
o melro vai p'ra a cadeia  
e o cuco vai degredado...

34

O ladrão do melro negro  
tôda a noite repiu-piu...  
Na maré da madrugada  
bateu asas e fugiu!

36

Toma lá esta laranja,  
não digas que eu que ta dei:  
meu pai não tem laranjal,  
decerto que a roubei.

37

Botei o limão correndo,  
à tua porta parou :  
quando o limão te procura,  
que fará quem no botou ?

39

Menina, prenda o seu melro,  
que me vai ao meu quintal :  
se lhe solto o meu canário,  
o seu melro fica mal...

41

A maleita leve os ratos  
e os dentes às formigas,  
que me roeram o livro  
onde eu 'studava as cantigas !

43

O mar pediu a Deus peixe,  
e o peixe pediu fundura ;  
o homem pediu sciência,  
a mulher a fornosura.

45

Eu hei-de te amar, menina,  
eu hei-de te amar bem cedo ;  
eu hei-de te amar de dia,  
que eu, de noite, tenho mêdo.

47

O padre quando diz missa,  
abre o livro e diz : *Oremus !*  
Também te digo agora :  
Desta moda acabaremos.

49

Inda que o meu pai me bata,  
minha mãe me tire a vida,  
minha palavra 'stá dada :  
minha mão 'stá prometida !

51

O' senhora mãe, eu quero  
um primo p'ra meu amor :  
não há pano que diga  
como é o da mesma côr...

53

Se o cantar dera dinheiro,  
faria por cantar bem ;  
mas o cantar não dá nada,  
isto como quer vai bem...

38

Eu passei à tua porta,  
pedi-te água, não ma deste :  
assim que passar's à minha,  
farei o que me fizeste...

40

Eu hei-de ir à tua casa,  
ou por dentro, ou por fora :  
quero ver a tua mãe  
se me quer p'ra sua nora.

42

O mar pediu a Deus peixes,  
para andar acompanhado.  
Quando o mar quer companhia,  
que fará um desgraçado ?

44

Se viesse uma nortada  
para êstes estudantes,  
ficaria Braga livre  
de garotos e tratantes.

46

Quem diz que o amar que custa,  
é certo que nunca amou :  
eu amo e sou amado,  
nunca o amar me enfadou...

48

O' freguesia de Nine,  
cercada de cravos brancos,  
onde meu amor passeia  
domingos e dias santos !

50

O' meu amor, vai e vem,  
e na vinda anda por 'qui.  
Eu falo, rio p'ra todos,  
querer bem é só a ti...

52

O meu pai chama-se Chasco,  
minha mãe Chasca-Maria ;  
pelos jeitos que 'stou vendo,  
sou filho da chascaria...

54

Se o cantar dera dinheiro,  
meio mundo era rico.  
Mas o cantar não dá nada :  
pobre sou e pobre fico...

55

Duas cousas há no mundo  
que eu não posso entender :  
os padres *ir* p'ra o inferno  
e os *surgidos* morrer...

57

Pus-me a contar as estrêlas,  
só a do Norte deixei;  
por ser a mais bonitinha,  
só contigo a comparei...

59

Que passarinho é aquele  
que passa o rio e não bebe?  
Levava o bico fechado,  
por causa do ar da neve.

61

Hei-de te amar à semana —  
ao domingo tenho a quem.  
— A quem amas à semana,  
ama ao domingo também.

63

O cravo bateu na rosa,  
a açucena vai jurar.  
O' que lindo juramento  
a açucena tem p'ra dar!

65

Já comi e já bebi,  
já molhei minha garganta;  
a gente de S. Simão  
quando bebe, logo canta.

67

Adeus, Campo de Sant'Ana!  
Já foste campo de pão.  
Mas hoje és o destêro  
de quantos homens lá vão.

69

Já comi e já bebi,  
já molhei minha garganta :  
eu sou como o rouxinol —  
quando bebe, logo canta. (1)

56

O' vida da minha vida!  
Três c'o burro andam bem :  
um chama, outro tem mão,  
outro olha se vai bem.

58

O carvalho é bom pau ;  
dá quatro castas de fruto :  
bogalhos e bogalhetas,  
landras e maçãs-de-cuco.

60

As pombinhas da Catrina  
foram ao rio beber ;  
acharam a água fria,  
tornaram a recolher.

62

Botei um cravo ao poço,  
fechado, saíu-me aberto.  
E' um regalo na vida  
enganar a quem é 'sperto.

64

No alto daquela serra  
'stá um jardim a secar.  
Os meus olhos se vergaram  
a dar água p'ra o regar.

66

O ladrão do milho verde  
a manha qu'êle trazia :  
metia a água na cana,  
p'ra beber durante o dia.

68

O amar e querer bem  
'stá na 'scritura Sagrada ;  
quem ama a Deus como deve,  
tem a salvação ganhada.

70

Há silvas que dão amoras,  
há outras que as não dão ;  
há amores que são leais,  
há outros que o não são.

(1) Cf. 65.

71

Que passarinho é aquele  
que no ar faz ameaças?  
C'o biquinho pede beijos  
e co'as asinhas abraços. (1)

73

O' freguesia do Louro  
onde todos me *quer* bem!  
Só a mãe do meu amor...  
não sei que raiva me tem.

75

Milagrosa Santa Eufêmia,  
lá no alto da Carriça!  
No dia da sua festa  
quantos ficarão sem missa...

77

Quatrocentos alfaiates  
e duzentos aprendizes,  
para matar uma aranha,  
foram todos de narizes.

79

Quem tiver um chapéu velho,  
por suas almas mo venda.  
Eu sou um pobre tendeiro,  
não tenho que pôr na tenda.

81

O' Barcelos! O' Barcelos!  
O' Barcelos! O' traidor!  
Por causa de ti, Barcelos,  
deixei eu o meu amor.

83

Fui a S. Simão às rosas,  
não achei senão ortigas;  
virei-me para Ruivães —  
ó que belas raparigas!

85

A água clara vai turva,  
chega ao mar *enquelarece*.  
As mulheres são como a chuva:  
aos três dias *aborrece*.

72

Êle chove, o rio cresce,  
o meu barquinho não anda.  
Coitadinho de quem tem  
amores da outra banda...

74

Estrelinha da manhã,  
'spera por mim, que já vou;  
'spera p'ra me alumiar,  
já que o luar acabou.

76

Chamaste-me pequenina?  
Sou mulher da minha casa:  
quando vou para a massar,  
ponho-me em cima da rasa.

78

Ergue-me o chapéu p'ra cima,  
não mo tragas derrubado:  
quero ver, nesse teu rosto,  
se és solteiro ou casado.

80

Fui dar c'o meu velho morto  
à porta da minha *loje*;  
atirei-lhe c'uma pedra,  
olha o velho, como foge...

82

Hei-de ir ao Senhor-do-Monte  
e hei-de ir pelo Sãmeiro;  
hei-de comer e beber  
à custa do meu dinheiro.

84

Lisboa, com ser Lisboa,  
tem sete portas de entrada.  
Fechando as sete portas,  
fica Lisboa fechada.

86

Fui degredado p'ra a Índia,  
não foi por nenhum ladrão:  
por dar abraços e beijos.  
Na Índia também se dão...

(1) Cf. 59.

87

Mandaram-me segar erva,  
eu erva não sei segar.  
Mandai-me falar de amores,  
porque eu de amores sei falar...

89

Vila Nova já foi vila,  
agora é um charqueiro.  
Quem quiser moças bonitas,  
vá ao Rio de Janeiro.

91

Inclina-se o meu anel  
nas asas do rouxinol;  
vai ver os olhos mais lindos  
qu'andam debaixo do sol.

93

Eu hei-de te amar, menina,  
ao saltar duma parede;  
com jeitinho hei-de andar,  
hás-de me cair na rede...

95

A viola quer que eu cante  
e a prima quer que eu padeça;  
o tocador da viola  
quer que eu, por êle, endoudeça.

97

Tenho um amor em Lisboa,  
outro em Ponte do Lima,  
outro em Penafiel,  
outro inda mais acima.

99

Deitei a galinha choca  
com vinte ovos ao pé;  
cada ovo vinte pintos,  
diga-me que conta é.

101

Eu sou pedreirinho novo,  
inda não ganho dinheiro:  
boto barro à parede,  
levo os picos ao ferreiro.

103

Eu sou filha duma silva,  
nem te pico, nem te arranho;  
nem te tiro, nem te ponho —  
ficas no mesmo tamanho.

88

O trevo das quatro fôlhas,  
quem no achar, tem fortuna.  
Eu já fui quem no achei,  
inda não tive nenhuma.

90

A' minha porta tem lama  
e à tua tem um lameiro.  
Quando falares dos mais,  
olha para ti primeiro.

92

Para cantar e bailar,  
menina, Deus te criou;  
mal o haja o teu paizinho:  
cedo ao mundo te botou!

94

O' Maria, traz cá a escada,  
deixemos as discussões,  
que eu vendi o meu cavalo,  
vendi-o por dois tostões.

96

Hoje aqui neste terreiro  
hei-de jogar uma sorte:  
se m'ela sair em branco,  
hei-de t'amar té à morte.

98

O meu amor é um tolo,  
cuida qu'eu que o adoro;  
sabe Deus minha paixão,  
sabe Deus por quem eu choro...

100

Essa conta, *manatinha*,  
é bem boa de somar:  
serão quatrocentos pintos,  
se nenhum ovo gorar.

102

Pus-me a contar as estrélas,  
por cima duma coluna:  
nove e oito, sete e seis,  
cinco e quatro, três, *dois*, uma.

104

Se tu viras o que eu vi,  
tu havias de varar:  
uma cadela com pintos,  
uma galinha a ladrar!

105

Meu sogro é paneleiro,  
minha sogra faz panelas;  
minha cunhada Maria  
amassa barro p'ra elas.

107

Carvalheira tem cem canos,  
cada cano tem cem ninhos,  
cada ninho tem cem ovos:  
quantos são os passarinhos?

109

Olha para o teu vizinho,  
que algum dia foí pobre;  
hoje tem a casa cheia  
de oiro, prata e cobre.

111

Sou ferreiro, faço ferros,  
também faço alviões;  
também faço fechaduras  
para fechar corações.

113

Eu já vi a morte-negra  
no adro a comer uvas;  
vai-te embora, morte-negra,  
desamparo das viúvas.

115

O' lampião da esquina!  
Alunia cá p'ra baixo,  
que eu perdi o meu amor;  
às escuras não o acho.

117

Eu não tenho pai, nem mãe,  
nem padrinho, nem madrinha;  
sou filha das tristes ervas,  
vivo desamparadinha.

119

Adeus, casa de meu pai!  
Adeus, cobêrto da eira,  
onde eu tinha o meu tear,  
quando era tecedeira! (2)

106

A preguiça dá-se bem,  
dá-se com quem a socorre;  
quem co'eia toma amores,  
nunca, de enfadado, morre.

108

Dei c'um ninho de fatucos  
na horta da minha avó;  
fugiram os fatuquinhos,  
ficou a fatuca só.

110

Antoninho pede, pede —  
eu não tenho que te dar:  
darei-te um cacinho de uvas,  
quando meu pai vindimar.

112

Papagaio, pèna verde,  
que canta no meu jardim:  
tôdas as pènas acabam,  
só as minhas não tem fim.!

114

Hei-de escrever uma carta  
ao meu amor de algum dia,  
com a pèna do pavão  
e o sangue da cotovia.

116

Quatrocentos alfaiates,  
formados numa campanha,  
foram todos de narizes  
para matar uma aranha. (1)

118

Santo António é meu pai,  
S. Francisco meu irmão,  
os avós são meus parentes:  
ó que linda geração!

120

A cana verde no mar  
navega numa beirinha.  
Quem tem uma filha só,  
senta-a numa cadeirinha.

(Continua).

(1) Cf. 77.

(2) Cf. 24.